

DE TRÓPICO E TROPICOLOGIA NA OBRA DE MÁRIO SOUTO MAIOR

Zaida Maria Costa Cavalcanti

Um homem situado no trópico

O estudo da obra de Mário Souto Maior revela, no substrato dos seus escritos, o homem que "se vê e sente habitado por uma natureza que, além de biológica e portadora de heranças é-lhe essencial em invenções do seu próprio constituir-se". (MIRANDA, 1987).

Assim é Mário Souto Maior, um homem habitado pela natureza tropical no Nordeste rural brasileiro, de um tempo anterior, e pelas suas heranças, que o acompanham no seu existir, impregnando a sua mentalidade, a sua temática, o direcionamento dos seus estudos, seus enfoques e o seu jeito de dizer.

Mário Souto Maior é um homem simples, de hábitos simples; hábitos que leva consigo e institui no seu local de trabalho. Não utiliza ar condicionado, nem se queixa de que o calor perturba. Não usa cortinas, nem persianas, mas mantém abertas portas e janelas, deixando o seu espaço permanentemente clareado pela luminosidade natural, ainda que venham, com ela, o mormaço e, eventualmente, um ou outro inseto. Movido por um, como que, fototropismo, coloca a sua mesa de trabalho de frente para as janelas. Ali é possível encontrá-lo, sobretudo nas horas mais quentes do dia, na postura que o matuto chama de *cismar*: corpo meio encurvado, estático, mão no queixo, ou cofiando o bigode, fitando o mundo lá de fora, aparentemente sem direcionar o seu pensamento, nem tentar discipliná-lo de algum modo, apenas permitindo o harmonizar-se com o tempo.

Nascido em Bom Jardim, Pernambuco, em 1920, Mário Souto Maior encontrou o seu mundo natural – a natureza do seu espaço – qua-

se como Deus a criou e determinou para o trópico: cheia de luz, de cores e de sol.

Estava ali, a natureza, sem devastação, nem marcas outras de agressão pelo progresso, a vegetação exuberante em seus múltiplos estratos: frondosas árvores de grande porte – jaqueiras, mangueiras, sapoti-zeiros, pés de jenipapo e de fruta-pão, deitando sua sombra sobre ubaias, laranjeiras e limoeiros, sobre bananeiras; trepadeiras, orquídeas e parasitas, líquens ganhando espaço troncos acima; capins de muitas variedades, capim-santo, erva-cidreira, pimenteira, quebra-pedra, vassourinha-de-botão, alfavaca, chanana, pega-pinto, urtiga, carrapicho, cogumelo, orelha-de-pau. E, sob a cobertura vegetal, folhas caldas, frutos maduros no chão, espargindo seu cheiro até virem a ser totalmente absorvidos pelo emaranhado de vida do solo tropical.

Era o tempo em que, intocada pelo asfalto e o cimento das rodovias, a natureza deixava-se percorrer por estradas carrossáveis e caminhos estreitos, prontos a se deixar fechar pela vegetação, caso não fossem trilhados durante alguns dias.

Era o tempo do barro vermelho, que largava poeira no verão e enlameava no inverno, colando, visguento – untuoso, no dizer de Gilberto Freyre – nos pés e nos sapatos das pessoas e nas rodas dos carros de boi.

Era o tempo do rio transparente, onde se podia pescar e tomar banho.

O tempo, de verão a verão, era dividido pela chuva: muito tempo sem chover e muita chuva quando chovia; e era marcado pelos ciclos culturais – as quatro festas do ano – o ciclo natalino, o carnaval, a quaresma e o ciclo junino cada qual com seus ritos e costumes; cada um com seus comes e bebes, cada um com seu jeito de celebrar.

A vivência da sua infância rural no trópico do Nordeste brasileiro impregna a obra de Mário Souto Maior, desde os seus primeiros escritos de juventude, mais próximos, portanto, dos objetos de suas lembranças, e impregna, ainda hoje os seus escritos de maturidade, corroborando o que afirma DIÉGUES JUNIOR (1978) "ninguém, nenhum de nós se despreza do seu meio, por mais longe que vá no espaço físico; nenhum de nós se desprende daquelas influências presentes de seu ambiente de nascimento, prolongado este na meninice, na juventude, na idade chamada madura; ninguém, mesmo distante, no tempo ou no espaço, de sua terra ou de sua gente nativa, esquece sua vivência. É a influência maior, a desses primeiros tempos, da vida em uma região, com gente igual numa vivência comum: as mesmas famílias, os mesmos brinquedos, os mesmos tipos de casa, os mesmos movimentos de transporte, as mesmas danças, os mesmos cantos, os mesmos encontros, nas mesmas ruas ou nas mesmas praças".

A persistência da tropicalidade na obra de Mário Souto Maior reitera, ainda, o que afirma FREYRE (1962) sobre as múltiplas relações do homem social, particularizado em membro de determinado grupo, ou de

determinada geração, com o seu meio, ou espaço natural e, ao mesmo tempo, cultural, e com o seu tempo social, interdependentes, de modo reciprocamente dinâmico, um não determinando absolutamente o outro.

Do mesmo modo como é possível retrair o espaço natural de Mário Souto Maior, é possível vê-lo como participante de um grupo e de um tempo, quando ele próprio se descreve: "Fui um menino como todo nordestino, chupei dedo, cacei passarinho e lagartixa com *baliadelra*, joguei castanha na calçada, furti goiaba e cajus, brinquei de Lampião e Antônio Silvino com frutos de jurubeba, tomei leite ao pé da vaca e comi muito nambu assado. . ." (SOUTO MAIOR, 1969).

Do mesmo modo, é possível encontrar Mário Souto Maior inserido em uma geração de intelectuais nordestinos de origem rural – dispersa em muitas distâncias – cuja característica em comum está na migração precoce para a cidade grande e na influência desse evento nos escritos de cada um. Nos internatos, nas repúblicas, em casa de parentes, ou na casa alugada para os filhos estudarem, persistia a presença nostálgica do aconchego da família e dos amigos que ficaram, da liberdade e horizontes distantes, da paisagem da Zona da Mata dos canaviais, para uns; do Agreste, ou do Sertão, para outros. É a natureza do trópico rural que flui no estudo do folclore, em Mário Souto Maior, na literatura, da pena de um José Lins do Rego, de um Graciliano Ramos, de uma Rachel de Queiroz; na poesia de Mauro Mota e de Ascenso Ferreira, para os quais a natureza tropical do litoral, onde completaram a adolescência e a juventude, não parece haver concorrido com as marcas da origem.

Do mesmo modo que seus coetâneos, os quais em meio aos saberes das capitais de Estados nordestinos, ou do cosmopolita sul do Brasil, reencontrara os saberes do Nordeste rural, Mário Souto Maior não recusou a cultura da cidade; fortaleceu com ela a sua identidade rural, usou-a para visitar as suas origens e rerepresentá-las de muitas maneiras à sociedade urbana e aos estudiosos do folclore.

Uma temática tropicológica

A temática de Mário Souto Maior é, como o próprio espaço tropical, uma variedade de elementos que se completam, que se inter-relacionam, que intercambiam características, se nutrem uns nos outros e fazem o seu tempo deslizar entre os dois termos sempre presentes da antinomia e da dualidade do trópico: a seca, e as chuvas intensas; as tonalidades sépias de quando não chove e a exuberância do verde, depois da chuva; o rico e o pobre; o sagrado e o profano; o homem e a mulher; o nascer e o morrer.

A percepção da dualidade do ambiente tropical é encontrada em muitos trechos da obra de Mário Souto Maior. Em *Cachaça* (1969/70), a antinomia entre a seca e a chuva é abordada de maneira vívida, levando o leitor a perceber o fenômeno com a mesma clareza com que o narra o autor. Observe-se:

"... A seca estava braba no Sertão. No céu as nuvens carregadas de chuva passavam, indiferentes. O gado morria nos campos sem pastagens. As árvores já sem folhas, esturricadas..."

E segue:

"Então um sertanejo, todo santo dia, pela manhã, caminhava léguas para ir buscar água num poço, para a família beber e salvar umas touceiras de cana plantadas perto de casa".

É ressaltando os contrastes dos trópicos entre a estação seca e das chuvas:

"Antes de ver as canas morrerem, as chuvas chegaram com relâmpagos e trovões. Os campos num instante ficaram bonitos, cobertos de pastagens..."

A cana, o canavial e a cachaça – elementos típicos não só do trópico brasileiro, como também dos demais espaços tropicais da Terra – são uma presença freqüente na obra de Mário Souto Maior: *Gostosuras populares da cana e do açúcar*; *Cachaça e Dicionário folclórico da cachaça* são alguns dos títulos que tratam da matéria.

Em uma outra passagem (SOUTO MAIOR, 1978) ele mostra a influência da dualidade climática tropical no condicionamento da atividade econômica:

"O sertanejo vive mais do criatório, porque a chuva é mais escassa e o gado é criado solto, em constante migração, para onde haja vegetação e água".

"Enquanto os trabalhos agrícolas da Zona da Mata são executados em terras próprias, cercadas com arame farpado, em constante obediência ao calendário das chuvas em função do ciclo vegetativo do feijão, da cana-de-açúcar e do algodão, o sertanejo não tem inverno certo e só conta com chuvas escassas para encher seus açudes e com uma vegetação constituída de plantas que não necessitam de tanta água ou de terreno úmido, como a macambira, o facheiro, o juazeiro e outras da mesma espécie" (SOUTO MAIOR, 1978).

Um aspecto interessante na obra de Mário Souto Maior, porque reitera a tropicalidade presente no seu constituir-se, é que, mesmo sem se submeter a uma ordem cronológica e, segundo ele próprio, sem brotar de uma intenção anterior de registrar as diferentes fases do existir no trópico, ele aborda cada fase do ser humano – na sua percepção de homem situado no trópico – registrando seus ritos, seus costumes e suas experiências e respectivas relações com o espaço geográfico em que habitam.

Em *Como nasce um cabra da peste* o autor descreve o nascimento e os seus ritos, em comunidades rurais do nordeste brasileiro de um tempo, destacando a presença dos elementos peculiarmente tropicais do esperar e dar à luz uma criança.

A água de coco (*cocus nucifera*) é lembrada como um bom remédio para antojos. Para os cuidados com a alimentação da gestante, lembra o autor o doce de coco, e exemplifica o objeto dos chamados *desejos* da mulher grávida, com a vontade de comer a pamonha, a rapadura bati-

da; evoca, portanto, o coco, o milho e a cana, que são elementos, os mais comuns, da flora tropical (SOUTO MAIOR, 1969).

São, do mesmo modo, da flora tropical as *meisinhas* servidas à parturiente vítima de hemorragia, e referidos naquele mesmo livro: erva-cidreira (*Lippia geminata*); manjerição (*Ocinum gratissimum*); malva (*Malva silvestris*); e, para a febre puerperal, o chá da casca da aroeira (*Schinus molle*).

É, ainda, da flora tropical a alfazema (*Lavandula spica*) que se queima sobre brasas para a criança ser feliz.

O fumo e o fumar – vegetal e costume das regiões tropicais – são mencionados nos rituais do nascimento em *Uma visão etnográfica do fumo*: “No Maranhão, Domingos Vieira Filho. . . registra o uso de cuspo do fumo no curativo do umbigo de menino novo, antes e depois da queda”. (SOUTO MAIOR, 1978).

A infância de menino situado no trópico é descrita a sua própria – por Mário Souto Maior, em passagem já citada no presente texto e aqui repetida, para destacar as referências que contém, a flora e fauna tropicais: “cecei passarinho e lagartixa com baliadeira, joguei castanha na calçada, furtei goiabas e cajus; brinquei de Lampião e de Antônio Silvino com frutos de jurubeba”. (SOUTO MAIOR, 1969).

Dentro da temática do existir no trópico, seu ciclo vital e suas dualidades críticas, Mário Souto Maior trata do problema da estatura ao final do crescimento, onde, por meio das expressões populares sobre os tipos físicos altos e baixos, mostra, em *Galataus e Batorés* (SOUTO MAIOR, 1981) como, embora sendo mais característica do trópico brasileiro, a estatura baixa é mais chegada ao pejorativo do que a estatura alta.

A vida adulta do ser humano é abordada por Souto Maior em diferentes ocasiões:

A percepção da idade, em um enfoque de comunidades situadas no trópico é tratada em *Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade* (1987).

O sexo e a sexualidade são abordados em *Folclorotismo* (SOUTO MAIOR, 1980) e em *Dicionário do Palavrão e termos afins* (1980).

As ocupações do homem do trópico do Nordeste Brasileiro e os seus divertimentos são enfocados particularmente em *Nordeste: A inventiva popular* (1978) e em *Painel Folclórico do Nordeste* (1981).

E, finalmente, o mito e a morte, aborda-os Mário Souto Maior em *Território da Danação* (1974) e a *Morte na Boca do Povo* (1974).

O comer e o beber do homem tropical são, também tratados em diferentes ocasiões, a saber: *Cachaça* (1970); *Em torno de uma possível etnografia do pão* (1971); *Dicionário folclórico da cachaça* (1973); *Comer e beber do Nordeste* (1984); e, *Folclore e alimentação* (1988).

Além dos referidos títulos, estão inseridos em coletâneas: *Cachaça, etc e tal (in Folclore quase sempre, 1988)*; *Gostosuras populares da cana e do açúcar e Presença do Alfenin no Nordeste brasileiro (in Nordeste: a inventiva popular, 1978)*; *Caju & folclore: uma contribuição à cozinha nordestina (in Painel folclórico do Nordeste, 1981)*.

Nem sempre Mário Souto Maior explicita a natureza tropical de sua temática, mas, em *Cornes e Bebes do Nordeste* o faz logo na introdução: "Gostosamente variada e tropicalmente colorida, a cozinha nordestina tem suas raízes mergulhadas no tempo da colonização. . ."

Obras como as referidas revelam que muito embora Mário Souto Maior não pareça interessado em situar seus trabalhos no marco teórico da Tropicologia está seguro da possibilidade de fazê-lo.

Outros aspectos da temática tropicológica de Mário Souto Maior serão observados na sessão seguinte deste trabalho.

O método da Ciência Tropicológica na obra de Mário Souto Maior

Transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, Interdisciplinaridade são as palavras-chave da metodologia da Ciência Tropicológica. É a convergência dos saberes das várias áreas e dos vários níveis de conhecimento que possibilita a identificação de múltiplas e possíveis relações, capazes de descrever e explicar as peculiaridades do modo de existir do homem situado no trópico. (FREYRE, 1961; MACEDO, 1987; MIRANDA, 1988 e LACERDA, 1988): "Da física à biologia e à nutrição, da geografia à demografia, da economia à engenharia urbana, pelas matemáticas; da história, à documentação e às artes plásticas e teatrais; da sociologia com o direito e o mundo empresarial, industrial, governamental, da teologia à filosofia, busca-se com cada uma delas e o seu universo de compreensão atingir a modalidade de vida do homem situado, seus condicionamentos, sua formação, seu desenvolvimento, sua história, sua vida na comunidade familiar e da cidadania, no entrosamento de relações que partiu do homem e a ele retornando, influenciam seu consentimento à convivência participativa da sociedade." (MIRANDA, 87).

E de tal inter-relacionamento de saberes teóricos e práticos, forma-se a Tropicologia fundamentalmente ecológica antes de ser dinamicamente biossocial e biocultural. (FREYRE, 1962).

Na obra de Mário Souto Maior a convergência de saberes e a interdisciplinaridade estão sempre presentes. Mantendo os seus estudos ao nível do folclore, da cultura do povo, do saber do povo, Mário Souto Maior não faz por assumir o papel do antropólogo, acadêmico a buscar relações e interpretações somente antropológicas e teóricas que expliquem as manifestações populares. Mas, é na forma de narrá-las e de juntá-las em seus volumes que ele faz convergir os vários saberes e os interpreta, devolvendo-os, aos estudiosos do folclore, na forma de um novo saber.

Observe-se, nos excertos abaixo, com que simplicidade ele fala dos inúmeros saberes que se relacionam com os produtos da cana e do açúcar e com o seu consumo.

Como todos os possíveis produtos da cana e do açúcar – exceto o rolete – nascem necessariamente do caldo da cana, é por aí que Mário Souto Maior inicia o seu trabalho *As gostosuras da cana e do açúcar*: "A

extração do caldo de cana tem a sua técnica: as canas são primeiramente raspadas, como medida de higiene e esmagadas com um cepo, a fim de facilitar o trabalho da moagem. Uma bica de zinco ou mesmo flandres, recebe o caldo que cai num depósito."

Prossegue dando, na linguagem mais simples, informações sobre características agrônômicas e bioquímicas da cana-de-açúcar e sobre os diagnósticos do saber popular quanto a algumas conseqüências do seu consumo: "Nem toda qualidade da cana dá um caldo gostoso. A cana-caiana, mais pobre em sacarose, é a melhor, a mais mole e a mais gostosa de se chupar e, conseqüentemente, a que dá o melhor caldo.

As canas destinadas ao fabrico do açúcar, por conterem alto teor de sacarose, costumam provocar embaraços intestinais nas pessoas que as chupam".

Prossegue, fornecendo informações da medicina popular no que concerne às curas e ao que faz mal, no âmbito do consumo humano da cana-de-açúcar e as suas possíveis relações com a hemodinâmica:

"O caldo-de-cana não pode ser bebido por mulheres paridas: pode causar hemorragia".

"As pessoas quando atacadas de hemorróidas não devem tomar caldo-de-cana. As hemorróidas ficam assanhadas."

"Quando se dá um corte, nada como botar uma lâzinha molhada em caldo-de-cana. Atua como homeostático e cicatrizante".

Relaciona ainda as propriedades da cana-de-açúcar ao metabolismo da prolactina.

"... Depois do resguardo, entretanto, é um excelente adjutório para as mães que amamentam os filhos, porque faz aumentar o leite..."

Prossegue, o folclorista, no seu artigo, falando das gostosuras: o pirulito e os doces com respectivas receitas. E, em um mergulho na História, e na sociologia da família colonial informa: "Tudo faz crer que o mel-de-engenho nunca tenha tido vez na mesa dos aristocratas do açúcar". "... Era um doce mais consumido pelos escravos e pelo povo do que pelas sinhás e sinhôs acostumados com doce-em-calda feitos com as frutas do pomar. . ." "Mas quando a *casa-grande* recebia visitas da capital, o caldo de cana, o mel de engenho, o açúcar bruto louro como um viking, ganhavam lugar na mesa de jacarandá da sinhá e tinham até direito a toalhas de renda e talheres de prata". (SOUTO MAIOR, 1988).

O tema da cana de açúcar é retomado por Souto Maior em *Cachaça, etc e tal*, onde dentro do mesmo princípio de interdisciplinaridade e de saberes de diferentes áreas traz ao leitor informações botânicas sobre a origem geográfica da cana: "A cana-de-açúcar, planta da família das gramíneas (*Saccharum officinarum*), originárias da Ásia Meridional, foi trazida para o Brasil pelo português colonizador."

Do mesmo modo que aborda a cana-de-açúcar em seus múltiplos aspectos Mário Souto Maior o faz a respeito do pão.

No seu livro *Em torno de uma possível etnografia do pão*, (1971) aborda o do ponto de vista da história, com informações que remontam

ao período de Antes de Cristo, tanto em referência ao consumo do pão, como à sua fabricação, nos diferentes períodos da história.

Situa, com palavras de Gilberto Freyre (1966) o surgimento do pão no Brasil:

"O pão foi outra novidade do século XIV. O que se usou, nos tempos coloniais, em vez de pão, foi beiju de tapioca ao almoço e ao jantar, a farofa, o pirão escaldado ou a massa de farelo de mandioca feito no caldo de peixe ou de carne".

Contextua o pão na vida das comunidades nordestinas, mencionando os seus sucedâneos tropicais referidos como pão: *pão-de-milho*, *pão-de-pobre* (mandioca) *pão-de-brabo* (pão-doce); refere-se ainda ao fruto tropical cujas qualidades assemelhadas à do pão deu-lhe o nome de *fruta-pão*. E menciona ainda o *pão-de-açúcar*, medida de capacidade utilizada nos velhos engenhos nordestinos.

No mesmo trabalho aborda Mário Souto Maior o papel do padeiro na comunicação entre as comunidades rurais do passado.

Em seu livro *Antônio Silvino, Capitão de Trabuço* (1969) Mário Souto Maior faz convergir uma variedade de saberes para, a partir das relações explícitas, e das que implícitas, apresenta Antônio Silvino aos olhos contemporâneos, como o afirma CASCUDO (1969), como um cangaceiro sem deformação biográfica, sem exaltação demagógica, sem utilização política. Nítido. Inteiro. Legítimo."

Naquele livro, a Geografia situa o espaço onde medrou o cangaço:

"Situado o *habitat* do banditismo nordestino entre o Vale do Cariri e o rio São Francisco, estendendo-se da serra do Quicincá à do Martins e daí às faldas da Borborema e aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, região que aglutina as fronteiras de sete estados. . ."

A psicologia aponta os condicionamentos do cangaço, e a sociologia remete para os problemas políticos e sociais da época, no Sertão.

"O clima, a fome, o analfabetismo, a cachaça, o jogo, o problema da distância relacionado com a falta de comunicação, o sadismo das forças políticas, o poder absoluto dos coronéis chefes políticos, a injustiça social e a decadência do Tribunal do Júri funcionando como mamulengo dos poderosos, o rígido código de honra sertaneja, o culto à bravura, a cumplicidade do homem do campo em troca de proteção, as questões de terra e tentar outras reações psicossociais foram causas que motivaram os primeiros passos dos que abraçaram a vida do-cangaço.

No mesmo livro a História registra personagens, datas e seqüências de fatos a partir do nascimento de Antônio Silvino em 2 de novembro de 1875, em Afogados da Ingazeira, Pernambuco, até a sua morte, em 29 de julho de 1944, em Campina Grande, Paraíba.

"Seu lugar-tenente era o célebre Cocada, morto em combate no lugar chamado Serriba, na Paraíba."

"Godé, Baliza, João de Banga, Rio Preto, Dois Atroz, Tempestade, Ventania, Nevoeiro, Barra Nova, Relâmpago foram os cabras que mais se destacaram ao lado do capitão Antônio Silvino. . ."

"Em 1899 invadiu a usina do major Santos. . ."

"Em 1900. . . foi cercado pelo capitão José Augusto comandando 30 praças armadas até os dentes e, depois de sete horas de fogo, deixam a polícia brigando sozinha".

"Em 1904, no mês de outubro, entram em Vila do Pilar, na Paraíba, fardado de capitão de polícia. . ."

Na literatura romântica busca Mário Souto Maior a explicação para o carisma de Antônio Silvino. "Um herói cujos feitos foram contados pelo menos por três sertanejos que incorporam sua odisséia à literatura de cordel, com seus folhetos lidos à luz de candeeiros de querosene, depois de um longo dia de trabalho no campo".

Também em *Alimentação e Folclore*, que lhe mereceu o Prêmio Sílvio Romero – 1979, Mário Souto Maior busca informações nas relações interdisciplinares, dentre elas se destacam a título de ilustração:

"Surgem, assim, problemas alimentares decorrentes das relações existentes entre a população e o espaço físico de que a mesma dispõe. . ." Os japoneses são cem milhões e vivem num território formado por centenas de ilhas. . . tiram sua alimentação do mar. "São pescadores e profundos conhecedores da ictiologia . . ."

"Em outros países, o problema da alimentação se entrelaça com a religião, como acontece com a vaca que, na Índia – país acossado pela fome – não é usada como alimento porque é considerada como animal sagrado".

Não só a transdisciplinaridade e interdisciplinaridade e a então necessária multidisciplinaridade caracterizam a metodologia da ciência tropicológica. Também a criativa utilização de objetos e fontes convencionais e inusitadas são um marco metodológico da ciência que Gilberto Freyre fundou.

A Tropicologia, tal como a Nova História, evocada por Westphalen (1987 a 1988) ao comentar as fontes utilizadas por Gilberto Freyre – novos problemas, novas achegas e novos objetos que somente viriam a ser sistematizados, como o reporta WESTPHALEN (1987).

"Em 1974, quarenta e cinco anos após o surgimento dos *Annales*, Jacques Le Goff e Pierre Nora, pela prestigiosa Gallimard, publicavam o seu *Faire de L'Histoire*, em três volumes, consagrados a (1) Novo Problema; (2) Novas Achegas e (3) Novos Objetos. . ."

Interessam-nos em relação à obra de Mário Souto Maior alguns dos mais *objetos* mencionados por WESTPHALEN (1987): o mito, as mentalidades, a língua, os jovens, a cozinha, a opinião. A questão do Mito é abordada por Mário Souto Maior de modo particular em *Território da Danação* e em *A Morte na boca do povo*, mas é quase sempre insinuada em todas as informações sobre o que *faz mal* na alimentação, na bebida e nos costumes, de um modo geral.

As mentalidades, por sua vez, estão descritas, particularmente em *Como nasce um cabra da peste* e em *Antônio Silvino Capitão de Trabuco* mas estão implícitos em trabalhos em que Mário Souto Maior registra as expressões e opiniões populares sobre dados objetos: *Páu: vocábulo*

de folk-linguagem; *O Diabo na linguagem popular*; *A morte na boca do povo*; *De boca em boca: uma conceituação popular*. Na linguagem em *Locuções e Eufemismos* (sobre o pão) e, ainda, no *glossário de Como nasce um cabra da peste*, e no *glossário de Cangaço*, por exemplo.

Nas obras mencionadas e nos temas dicionarizados por Mário Souto Maior, a língua é o objeto e o móvel da coleta e registro que o autor faz de alguns assuntos, como ele próprio o explicita, em referência à alimentação:

"Acreditar na importância da alimentação e na força das palavras faladas foi condição indispensável para a realização desta pesquisa etnolinguística, que mostra como a alimentação não é somente importante fisiologicamente, mas que também por essa mesma importância que a envolve, participa da fala de milhões de pessoas no mundo inteiro".

O mesmo diria, certamente, o autor, quanto aos demais temas que dicionarizou, no âmbito da linguagem popular: *Dicionário Folclórico da Cachaça* (1981), *Dicionário do Palavrão e Termos afins* (1980), *Folclorotismo* (1988), *Galalaus e Batorés* (1981), *Comes e Bebes do Nordeste* (1984) e *Alimentação e Folclore* (1988).

A questão dos jovens é abordada especialmente em *Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade* (1987).

As fontes utilizadas por Mário Souto Maior são as que contêm os estudos multidisciplinares: as fontes peculiares às diferentes disciplinas que estiverem em jogo. Além dessas, de maneira segura ainda que despretensiosa, colhe Mário Souto Maior as suas informações nas fontes menos convencionais e inusitadas: livros de oração, livros de receitas, almanaques, jornais, grafites, bulas e na própria literatura brasileira, erudita e popular.

Admirador de Gilberto Freyre e seu leitor fiel, Mário Souto Maior reporta-se muitas vezes a fontes e dados gilbertianos, enquanto ele próprio faz tanto da literatura a que teve acesso na sua juventude, como da mais recente literatura brasileira, uma inesgotável fonte de dados, como se pode observar nas freqüentes abonações dos seus trabalhos.

Da literatura, quase obrigatória no repertório dos jovens de sua época, lembra Mário Souto Maior, como mananciais de informações sobre a ciência social tropicológica, particularmente os livros de Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, *Helena*, *D. Casmurro* e *Casa Velha*; de José de Alencar, *Sonhos de Ouro*, *Pata da Gazela*, *Senhora*, *Luclola*, *Mãe*, *Tronco do Ipê* e *Demônio Familiar*; de Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, *As mulheres de mantilha* e *O moço loiro*; de Manuel Antônio de Almeida, *Memória de um Sargento de Milícias*; de Raul Pompéia, *O Ateneu*; de Carneiro Vilela, *A emparedada da Rua Nova*; de José Lins do Rego, *Fogo Morto*, *Doidinho* e *Menino de Engenho*; de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Nordeste*, *Livro do Nordeste*, *Açúcar*, *Região e Tradição*, *Ordem e Progresso*, *Arte*, *Ciência e Trópico*, *Homem*, *Cultura e Trópico*. Lembra ainda Souto Maior, Mário Sette, Ascenso Ferreira, Mauro Mota, João Cabral de Mello Neto, Jorge Amado dentre tan-

tos outros autores literários que passaram a sua juventude e maturidade no Nordeste.

Ainda entre as fontes bibliográficas, devem ser lembrados os autores de etnografia e folclore brasileiros Pereira da Costa, Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Raimundo Girão, Alceu Maynard, e Sílvio Romero dentre outros.

Com a mesma criatividade com que usa as fontes bibliográficas convencionais e inusitadas, Mário Souto Maior usa outras fontes, tais como, a música popular, os depoimentos pessoais, e do mesmo modo, os recursos da moderna tecnologia, como a TV e o rádio.

A fecunda obra de Mário Souto Maior vem sendo, a cada dia, enriquecida com novas contribuições suas ao estudo do folclore nordestino, sem que ele próprio se preocupe com justificativas metodológicas, nem com a utilização do moderno jargão das Ciências Sociais, mais interessado em transmitir as heranças culturais que se tornaram essenciais nas invenções do seu próprio constituir-se.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1 DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Prefácio ao livro de Mário Souto Maior. *Nordeste: A inventiva popular*. Brasília: Livraria Editora Cátedra, Convênio Instituto Nacional Do Livro, Ministério de Educação e Cultura, 1978.
- 2 FREYRE, Gilberto. *Homem, Cultura e Trópico*. Recife: Universidade do Recife, 1962.
- 3 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Categorias da experiência tropicológica. In CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1, 1987. Recife. *Anals...* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987.
- 4 SOUTO MAIOR, Mário. *Como nasce um cabra da peste*. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969.
- 5 ——. *Cachaça*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970.
- 6 ——. *Antônio Silvino - Capitão de Trabuço*. S. Paulo: Arquimedes Edições, 1971.
- 7 ——. *Em tomo de uma possível etnografia do pão*. Recife, s. ed.,
- 8 ——. *A Morte na boca do povo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 9 ——. *Nordeste: a inventiva popular*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Editora Cátedra, 1978.
- 10 ——. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Recife: Editora Guararapes Ltda, 1980.
- 11 ——. *Folcloreotismo*. Recife: Edições Pirata, 1980.
- 12 ——. *Galataus e batorés*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1981.

- 13 ——. *Painel folclórico do Nordeste*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 1981.
- 14 ——. *Comes e bebes do Nordeste*. Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1984.
- 15 ——. *Velhos e jovens: uma folclórica rivalidade*. Recife: Grumete, 1987.
- 16 ——. *Folclore & alimentação*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Folclore, 1988.
- 17 ——. & VALENTE, Waldemar. *Antologia pernambucana de Folclore*. Recife: Ed. Massangana, 1988.